



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Taltaba — Lisboa — Telefone 7  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A GUERRA SOCIAL

### A POLITICA DOS ALIADOS PARA COM A REVOLUÇÃO RUSSA

No Ocidente, tanto na França e Estados Unidos republicanos, como na Gran-Bretanha e na Itália realistas, o poder dirigente destas pseudo-democracias mantém-se ainda nas mãos dos capitalistas da terra dos bens móveis e imóveis. Naturalmente estes capitalistas formam grupos concorrentes entre si, que lutam pela posse ou pela manutenção do poder político, que é sempre seguido dum acréscimo do poder económico. A Igreja Católica, seguindo a sua política centenária de hegemonia mundial, utiliza uns e outros, segundo as oportunidades do momento, fazendo naturalmente uso do poder moral e religioso, que lhe outorga, para com os indivíduos e as multidões, a pseudo-posse da Divina Palavra. Os indivíduos, como os grupos, procuram sempre conservar e alargar a quantidade das coisas que possuem.

Disto resultou terem os dirigentes ocidentais, em presença da Revolução russa de Março de 1917, um único desejo e uma única vontade: canalizar, restringir, impedir de cair no que eles chamam a anarquia, isto é, a desordem. Com este fim, fizeram, por intermédio dos seus embaixadores, dos seus missionários oficiais e officiosos, pressão sobre os elementos dirigentes da Revolução russa. E, nesta acção continua, mostraram uma ignorância completa da psicologia individual e uma ausência de inteligência crítica que os tornou incapazes de tirarem qualquer proveito das lições da história, provando mais uma vez quanta razão tinha Hegel ao afirmar que a primeira lição que a história nos dava era de quando se aproveitavam os seus ensinamentos.

E, entretanto, os dirigentes ocidentais, por interesse capitalista, queriam impedir o desenvolvimento da revolução russa. Desde a sua origem (Março de 1917) até agora que todos os seus actos tiveram este fim, mas provocando sempre efeitos contrários. Dir-se-ia que o hábito de governar os homens e as causas faz desaparecer o espírito crítico que constitui a própria essência da inteligência humana.

Em Outubro de 1917 os bolchevistas apoderaram-se violentamente do poder, desapossando outros revolucionários, que meses antes, também pela violência, dele se tinham apoderado. A violência, quer isto agrade ou não, é a única maneira dum classe se apoderar do poder de que está privada, o que em todas as revoluções humanas se constata. A oposição dos dirigentes ocidentais tomou então uma forma nítida, relativamente franca. Eu digo relativamente, porque não os usaram declarar a guerra à República Federativa dos Soviéticos russos, acabada de criar. Mas se não lhe declararam a guerra, fizeram-na sob a forma hipócrita do bloqueio, do encarceramento numa rede de ferro farpado morais e ergueram contra ela bandos armados nos confins e no interior do país. Naturalmente para encobrir estes hipócritas maneios, a imprensa capitalista ocidental apressou-se em desviar o cérebro dos milhões dos seus leitores, envenenando-lhes literalmente o intelecto, procurando dar-lhes bases falsas de raciocínio. Por seu lado, os governantes procuraram impedir que se soubesse o que se passava na imensa Rússia. E tornou-se extremamente difícil, quase impossível, lá ir e voltar. E estas dificuldades, quase insuperáveis, punham um veniz de parcialidade ou de mentira no que contavam os que da Rússia vinham. Bem depressa toda a humanidade se agitava numa espessa atmosfera de ignorância, relativamente a todas as causas e a todos os homens da Rússia. Esta ignorância era alimentada pelos emigrados russos, tanto czaristas e reaccionários, como constitucionalistas e revolucionários socialistas. A sua parcialidade evidente e tam natural, visto a mentalidade humana, tornava suspeitas todas as suas informações.

Tiveram então os governantes ocidentais e aliados um único objectivo: matar a revolução comunista e soviética. Mas entre estes aliados manifestaram-se duas tendências: uma, defendida por Wilson e Lloyd George, era que se não devia isolar a República soviética do resto do mundo, mas sim chamar os seus representantes a uma conferência mundial, ter enfim com eles, senão relações de Estado para Estado, pelo menos relações de homens para homens. A outra tendência, representada por Clemenceau, Churchill e Sonino, preconizava a manutenção do isolamento, a boicote e a guerra por intermédio dos emigrados e de vários mercenários. Este último método era a repetição do método seguido pelo governo britânico de 1789 a 1815, na sua luta contra a Revolução francesa. O insucesso desta política devia ter preservado o mundo da sua repetição depois de 1918. Mas tal não sucedeu, porque o clan capitalista inglês, unido aos clans capitalista e jesuítas francês e italiano, representados por Churchill, Clemenceau e Sonino — triunfou do honesto ideólogo Wilson e do fino raposo Lloyd George.

Produziram-se então os naturais efeitos desta política, e a pouca e pouco desenvolveram-se com a rigidez da lógica das causas. Estes resultados mostraram-se em absoluto contrários aos fins que os autores desta política queriam realizar.

Uma curta reflexão para quem conhece a história e a psicologia humanas, fazia já prever estes lógicos resultados. Desde 1919, na série de estudos que publiqui no *Die Menschheit* (Berna), estudos reunidos neste mesmo ano em um volume intitulado *A Conferência da Paz e a sua Obra*, mostrei os resultados evidentes e a loucura dos governantes, que procuravam um objectivo contrário a estes resultados. Uma revolução social baseada sobre uma transformação do modo de propriedade das coisas não se pode levar a cabo com sucesso se não englobar um território suficientemente vasto para possuir o conjunto das matérias primas necessárias à vida, tam complexa, da humanidade contemporânea e uma população tam numerosa que possa explorar as riquezas naturais do território.

Se os habitantes do território em revolução continuarem a manter relações comerciais ou quaisquer outras com os seus vizinhos, uma fase revolucionária diferente, sofreram a influência destes vizinhos. As suas transformações revolucionárias serão menos integrais. Terão que atenuar-las, por-las em relativo acordo com o que se passa no exterior do seu país. Como consequência, o comunismo não se pode estabelecer isoladamente num país, quer seja pela vontade dos habitantes, quer seja pela vontade dos vizinhos. A política de isolamento teve por imediata consequência criar um meio favorável ao desenvolvimento e à manutenção do comunismo. Uma segunda consequência desta política de isolamento consistiu em ferir o sentimento de todos os russos e provocar, portanto, o aparecimento e o desenvolvimento dum sentimento de solidariedade e da nacionalidade entre todos os russos, reagindo contra a vontade dos aliados que se foram imiscuir nas suas questões. Numa palavra: a política de isolamento devia necessariamente ter consequências opostas aos fins que tinham em vista aqueles que a executavam. O ataque dos aliados, instigados sobretudo pelo capitalismo francês, impeliu ao extremo as consequências desta política estúpida do isolamento e da ruína, e as classes burguesa e nobre, tam lesadas pela revolução soviética, se apoderaram dum ódio santo contra o invasor polaco.

## MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

A classe operária continua contribuindo galhardamente para erguer a *Batalha* mais alto do que até aqui tem estado. A lista das contribuições aumenta de dia para dia. Quem não deve estar contente com o caso deve ser o *Grupo dos 13*. O seu gesto, que tendia a aniquilar-nos, teve o resultado contrário. *A Batalha* ficará mais forte do que nunca.

Durante dias consecutivos não os nossos leitores tido ocasião de verificar como a lista dos contribuintes tem aumentado. Porque sucede assim? Porque se praticou uma infâmia contra nós que revoltou os indivíduos conscientes.

Se os assaltantes ainda possuem uns restos de moral, não de sentir-se duramente castigados com a condenação formal do seu gesto, porque contribuir neste momento para *A Batalha* outra coisa não é senão condenar os processos baixos de que meia dúzia de reptis usaram para nos combater.

Continuamos a publicar as longas listas dos que neste momento auxiliam o órgão operário:

Nome	Valor
Emílio Quintas	10,21449
Américo Santos e António Augusto	2800
João Martins Trinfite	825
Francisco Manuel Simões	850
Eduardo José Domingues	850
Cactano Mario Fernandes	1800
Carlos de Oliveira	1800
José Maria Coelho	850
Abílio Miranda	850
Manuel Santos Baptista	850
Inácio Joaquim dos Santos	850
José Gonçalves	1800
José Marques Pereira	850
J. P. E. S.	850
Carlos Martins Pimenta	1800
José de Sousa Palma	850
Francisco Baptista	850
Manuel Teixeira	850
António da Assunção	850
Matheus Coelho	850
António da Cunha Barreiro	850
Vicente Lourenço	850
Anastácio Inácio	850
Manuel Rodrigues	1800
José Nogueira	1800
Domingos António da Silva	1800
António Trindade	850
Joaquim Cardoso	850
Alfredo Freitas	1800
Aurora Ramos Calais	850
Carlos Barreiro	850
Fernando João Duarte	1800
Mário Pinto Confânio	850
Guilherme Ruiz	1800
Julio Rocha	1800
João António da Costa	1800
Felix António Fernandes	1800
João Rodrigues Silva	1800
Artur Martins	1800
Manuel Martins	1800
Francisco dos Reis	1800
Casimiro de Oliveira	850
Dinis Reis Neves	2800
Queiroz entre marinheiros	2800
Franquelim Vitor Hugo	1800
Guilherme Pedro	1800
Alberto Marques	850
Albertino Marques e Carolina Godinho	850
M. Veludo	1800
Manuel de Oliveira	1800
Joaquim Maria Lopes	1800
Joaquim Machado	1800
Herculano Coelho	1800
Domingos Tomás	850
Francisco Jacinto	850
Alvaro Silva	1800
Francisco de Oliveira	850
João Rodrigues	850
José Alves	850
Henrique Gomes	850
Im amigo	850
Eliseu Correa Gomes	2800
Um trabalhador consciente	1800
Abel Pereira Araújo	850
João Rodrigues da Silva	850
Joaquim Vieira	850
Cândido da Silva	1800
Ilídio Moura	1800
António Nunes	850
António Godinho	850
Hugo Pereira	850
Alberto das Neves	10900
Julio da Cunha	1800
Vitor Martins (marceneiro)	850
Alberto da Silva Oleas	850
Francisco P. Silva	1800
Alfredo Leonardo	1800
Dois irmãos	2800
Lhuu	850
Alexandre Maria Araújo	850
Manuel C. Martins	1800
Queiroz entre os operários têxteis da Covilhã	2800
Fernando Cavallini	850
Jerónimo Jorge	850
Herculano Marques	850
Faleiro Cruz	1800
Fernando Gonçalves (Pôrto)	1800
António Lourenço	850
Justino Peres	850
António Augusto Costa	850
Manuel Bandeira	850
Artur Bandeira	850
Afonso dos Santos	1800
Manuel João Lopes	850
António Godinho	1800
Manuel dos Santos Coelho e Rogério dos Santos	2800
Henrique José	850
P. N.	850
José Carlos Farias	850
Acácio Cabral	850
Albino Lourenço	850
Virgílio L. Ventura	850
Viegas (ferroviário)	2800
Artur Silveiro	1800
Barbiero	850
Rodrigues David Pereira	850
A. Guerra	850
P. C.	850
Guilherme Lopes	850
Fernando de Oliveira	2800
A. Borges	850
Serafim Espadinha	1800
Francisco Gomes Garcia	850
José de Oliveira	850
Francisco Martins	1800
Eduardo Freitas (metalúrgico)	15800

A transportar... 10,528481

Trabalhadores: Lede e propagai A BATALHA.

que tam mal reconhecia a libertação que a Revolução Russa lhe concedeu em Março de 1917. Este ataque da Polónia foi o cimento que uniu fortemente todas as classes russas entre si e em torno do governo bolchevista, que afinal representava toda a Rússia. O sentimento nacional foi dum extrema intensidade. Russos da aristocracia, ricos, refugiados no estrangeiro, voltaram à Rússia para servir o seu país e combater os polacos sob a bandeira vermelha da República Federativa dos Soviéticos Russos.

De forma que o resultado do bloqueio, dos ataques e guerras incessantes contra a República russa, durante estes três anos, só veio consolidar e fortificar o governo bolchevista. Eis o que os aliados conseguiram com a sua política de deserdito e destruição do governo bolchevista!

20 de Agosto de 1920.

## O POVO E "A BATALHA"

### Não aniquilaram: robusteceram

Comovente solidariedade  
Condenando a vil infâmia

Dadas as dificuldades da vida que o povo arrasta, mercê da estupididade e da maldade dos que estão senhores da riqueza social, a manifestação de solidariedade material que os trabalhadores veem demonstrando para com *A Batalha*, é um dos factos mais significativos da consciência do operariado, que, sacrificando-se mais uma vez, tem acor-

rendido com os seus donativos para reparar os prejuízos materiais que os repugnantes malfetores, mascarados de defensores dum ideia política, fizeram na sede do diário porta-voz da organização operária portuguesa.

Mas ao lado desta solidariedade dum valor incalculável, manifesta-se não menos brilhantemente, a solidariedade moral, e este conjunto tem para nós o mérito de vir confirmar a convicção em que estávamos de termos sempre cumprido o nosso dever, o melhor que nos tem sido possível, pugnando sempre pela verdade e pela justiça, defendendo com ardor a conquista de mais regalias para os que tudo produzem.

Se *A Batalha* tivesse falseado indignamente a sua missão, a opinião dos trabalhadores seria a primeira a condenar-nos, deixando-nos isolados. Mas não, *A Batalha* foi assaltada porque tem defendido o povo contra as prepotências da força armada e contra as traficâncias dos exploradores do suor dos que trabalham.

A alma da classe trabalhadora está com *A Batalha* e vibra de indignação contra o assalto de que ela foi vítima, indignação que um dia se exteriorizará por uma forma terrível, demonstrando quanto ela sentiu a afronta que lhe foi feita.

Continuamos a registar as manifestações de protesto que nos têm sido enviadas, que representam a mais profunda condenação do acto vandálico que se cometeu.

Por isso, só por isso, o porta-voz da organização operária sofreu o ataque à mão armada dum bando de scários, gente que quanto a nós não tem ideias.

Vozes amigas que protestam

O nosso dedicado amigo e camarada L. Calapés dirigiu-nos a seguinte carta: BARREIRO, 19-8-920. — Camarada A. Vieira. — Perante o monstruoso atentado de que foram vítimas *A Batalha* e os seus redactores, nós, proletários, não podemos ficar silenciosos.

Um 2.º sargento. — Mais um crime cometido por um bando de scários! Como cumprem as ordens dos seus donos. Não protestamos, porque reconhecemos que os bandidos estão no seu papel. Só para produzir obras de natureza da que correu *A Batalha* eles são capazes.

Registamos tam sómente, mais esse atentado contra o porta-voz da organização operária portuguesa.

assalto à nossa *Batalha* pelos defensores da república

Manuel Bento Júnior, socialista e vogal da Junta da Freguesia da Moita do Ribatejo, "protesto contra o atentado de que foi vítima o defensor da classe operária, o jornal *A Batalha*."

Igual protesto faz António Alves, socialista de Alhos Vedros.

Do Porto, escrevem-nos o camarada Joaquim Godinho:

Indignados com a barbaridade cometida contra o nosso órgão, por uns scários cuja consciência só se promove a desordem e a violência, resolvem alguns amigos do nosso jornal e da emancipação dos oprimidos, nos operários da Fábrica de Têxteis Matos & Quintana e outros, abrir uma subscrição em favor de *A Batalha* e ainda como sinal de protesto contra esses bandidos, junto envio um vale do correio na importância de 25000.

(Ver na 3.ª página a continuação.)

## IMPRESSÕES DO GOVERNO CIVIL

### O "NÚMERO 2"

Prêso por estar solto  
Solto por estar prêso

Não digo que duas noites e dois dias passados no calabouço número 2 do governo civil seja divertimento que se de-seje gozar segunda vez, mas também não direi que quarenta e oito horas de prisão seja coisa que se despreze. Ao meu melhor amigo, que bem se conduzia em toda a sua vida, eu desejo dois dias de calabouço, porque, se esse amigo morrer sem que uma vez só tenha descansado os ossos sobre as tábuas duras da tarimba, é porque decerto praticou alguma pequena infâmia ou não se revoltou ante uma infâmia alheia. Creio que nesta sociedade perfeita, de roubo e de traição, de canhões e de baionetas, é um crime, crime que se deve expiar no céu, não ter dormido uma noite sequer num confortável calabouço do governo civil.

Eu, felizmente, honro-me de não ter praticado esse crime tremendo. Sintomo bem com a minha consciência.

Procuraram-me numa sexta-feira (dia azulado). Para quê? Não sabia. Porque? Desconhecia também. Não me devia admirar. Ainda não tinha cumprido o meu dever — estar prêso — e fui confor-tado ao governo civil, onde me esperavam há quatro dias, parece.

— Até que enfim! — exclamaram à minha entrada. E eu senti-me deliciado. Aquele «até que enfim» exprimeia simplesmente a simpatia, o cuidado extremo dum mãe, que consegue evitar o crime dum filho querido. «Até que enfim» a polícia da segurança do Estado me apontava o caminho do dever; «até que enfim» me obrigavam a praticar a boa acção de me conservar prêso às ordens da república. Eles, os da polícia, apenas me quiseram evitar desgostos futuros, tenho a certeza. (Que responderia eu ao sr. presidente da república — se algum dia lhe falasse — quando ele me fizesse esta pergunta: pela qual se avaliava o carácter dum homem: «Vôce nunca esteve prêso, o Mário Domingues?»

Eu teria de lhe confessar, ocultando o rosto com as mãos, que não senhor, que nunca tinha estado prêso. Ah! Eu tenho a certeza absoluta de que Sua Excelência me voltaria as costas com desprezo. Considerar-me-ia uma alma baixa, repugnante, indigna de figurar na sociedade perfeita a que me dignamente preside. A polícia, porém, mostrou-se minha verdadeira amiga — como eu lhe estou agradecido! — prendendo-me para que Sua Excelência o chefe do Estado nunca se indignasse de me apertar estes ossos e para que o mundo me restituísse, após a minha libertação, a consideração que mereço.

Os senhores polícias foram amáveis para comigo: revistaram-me a carteira, não levasses em algum documento que comprometesse a minha virgindade... social. Não encontraram nada de importância. Apenas algumas cartas de família, retratos de amigos, papéis inteiros, cheques sobre a casa bancária Prego & Penúria, Ilimitada e, notas do banco de Portugal — nenhuma, porque... não gosto de as trazer comigo. O oiro bolchevista também o havia esquecido em casa.

Verificada a nenhuma importância da papelada, e a minha filiação, etc., al vou eu ao registo de entradas.

— Como se chama? — Mário Domingues.

O homenzinho escreve: Mário. Depois começa a palavra Domingues, mas não consegue acaba-la sem que eu lhe dite de cá: — G, u, e, s.

E dali me levaram ao número 2.

Seriam umas dezasseis e meia horas. No calabouço estava pouca gente — rapazes presos por delito comum, deltos com que eu nada tinha que ver. Todos, porém, me contaram a sua história, mais ou menos complicada. Quando chegou a minha vez, eu não tinha que dizer.

«Porque estava prêso? Não sabia. Havia apenas uma explicação: estava prêso porque andava à solta. Explava agora o crime da minha liberdade. Não se gosa a liberdade impunemente!

O resto do dia não se passou mal, conversando com os companheiros de calabouço. Este é cómodo... A água corre da parede e bebe-se sem pagar aluguer de contador, bastando gritar: «O! só guarda, abra lá a torneira!» Noutro canto está o mictório, para que nele lancemos o que primeiro se bebe. A noite chegou sem novidade e eu, alegre por estar cumprido o meu dever, preparei-me para dormir sobre a tarimba um belo sono de justo. Mas qual dormir, nem meio dormir! Há por lá uns certos parasitas que, não sendo burgueses, nem polícias, nem militares, nos ralam a paciência e nos trincam a carne. São percevejos autênticos, colossais, anti-diluvianos, que nos penetram pela gola e pelas mangas e nos não deixam um só minuto sossegados. Na impossibilidade de dormir, entretive-me escutando as conversas que os presos lá de baixo mantinham com as raparigas do calabouço contíguo, até que o sono, mais forte que os parasitas, acabou por me tornar insensível às conveias, às mordeduras — e adormeci.

No dia seguinte, sábado, mal o dia rompeu, atirei-me dum pulo da tarimba a baixo. Depois dum simulacro de limpeza e desinfecção, veio uma hipótese de almoço e após a hipótese de almoço uma pseudo hora de visita, que durou vinte minutos.

— Lá vem a primeira pessoal! — Chegam todos as faces às grades... Talvez venha alguém conhecido. É uma velhota de chale, com um saco debaixo do braço. Passam: uma rapariga nova com um petiz ao colo, mamando; um rapaz novo, espantado os calabouços; um velhote cabibaxio e pensativo. Uma cara conhecida aparece. É o Viegas da tipografia da Batalha. Pára em frente das minhas grades:

— O! camarada Mário Domingues! Novidades?

— Foi assaltada a *Batalha*!

— E o Viegas conta-me como a coisa se passou.

— A C. G. T. proclamou a greve geral para segunda-feira.

Sinto-me alegre com a decisão. Mas em seguida um pensamento negro como o ambiente do calabouço, atravessou-me o cérebro: certamente não me soltariam senão depois da greve passada. Com certeza me tomavam, na polícia, por agitador profissional e o lugar dos agitadores, nestes dias anormais, é nos calabouços do governo civil ou nos fortes.

Os minutos passam e o Viegas, alto, magro, ossudo, afasta-se, a longas pernas, para a porta de saída.

O calabouço fica cheio dum vida nova. Trato de ler os jornais. Também traziam a notícia da minha prisão. O *Século* dizia que a motivava o facto de eu ter feito umas certas apreciações subversivas; o *Notícias* acusava-me de culpabilidade no atentado... Ambos mentiam, é claro. Estava prêso... porque ainda não tinha cumprido o meu dever de estar prêso.

Durante o dia de sábado desejei o domingo, assim como durante o domingo desejei a segunda-feira. Quando estamos presos desajamos sempre, o dia seguinte.

Pouco a pouco fui criando amor ao calabouço. Já conhecia as paredes até as mínimas particularidades. Numa havia uma corda monárquica com viva a monarquia; junto à tarimba, a grandes letras fadas a lápis, mais vivas a monarquia. Eu tentava sempre estampar na parede um viva à anarquia, que faria estremecer um burguês, se burgueses por ali passassem.

A anarquia é a ordem, e por isso eu, anarquista, apesar de estar no número 2, não deixei nunca de ir à *Brasileira* do Chiado tomar uma cerveja, ou à Avenida ouvir a música. Passava o dia sentado na tarimba. As tantas lembrava-me que eram horas de *Brasileira*, chamava o Lucas ou o Maneta e mandava buscar lá fora uma cerveja preta — a única que ali entrava. Enquanto ele ia e vinha, passava eu dum lado para o outro do calabouço, e quando ele regressava, considerava-me já na *Brasileira* abandonado à mesa de mármore. Bebia a cerveja, conversando com os companheiros de prisão, cujo número aumentava sempre, e no meu cérebro aquela cena passa-se na autêntica *Brasileira* do Chiado, entre amigos velhos e conhecidos de ontem.

A tarde recebi a visita de dois amigos. Caso raro! Ninguém ali tinha recebido visitas a semelhante hora. Recitei-lhes um discurso admirável sobre a liberdade, igualdade e fraternidade republicana, citando-lhes a vida maravilhosa que no número 2 se vivia. Os tais amigos vinham tristes e saíram alegres. Eu, de bom humor, resolvi ir jantar à *Garrett*, os dois pratos da lei, para não melindrar o sr. Lacerda. Chamei o Maneta e mandei vir bacalhau cozido e carneiro com batatas.

Depois do jantar, fizemos, eu e os meus amigos de cadeia — com quem as

Augusto Hamon



## A RUSSIA EM FOCO

# O QUE BELA FAZ UM VISITANTE

Muito se tem falado de bolchevismo e de socialismo, contando-se coisas terríveis da Rússia Vermelha, com o fim de evitar que os povos, animados por aquela experiência, procurem, não já imitar, mas realizar obra mais perfeita, evitando muitos dos erros que a revolução encontrou naquele país, que, como se sabe, caiu sob a mais feroz das opressões.

Por nossa parte entendemos que não é demais tudo quanto se diga, de boa-fé, sinceramente analisados os homens e os fatos, pois que só a verdade perdura. A totalidade daqueles que mais falam da Rússia soviética ignora por completo o que por lá vai, repetindo as insinuações de outros, que mais espantosamente as maiores torpezas contra tudo que seja anti-capitalista.

Do jornal espanhol, El Socialista, de Madrid, traduzimos as impressões de Robert Williams, membro da Delegação laborista inglesa à Rússia, colhida da sua visita. É um inglês que fala, e estamos convencidos que o faz com sinceridade, sem se deixar arrastar por entusiasmos que perturbem a visão das coisas.

Visitar a Rússia sob o regime dos Soviéticos é completamente diverso de visitar qualquer outro país. Quando uma pessoa vai a Paris, Berlim, Bruxelas ou Viena pela primeira vez, comprova, ao fim de pouco tempo, que ali está tudo sobre uma base exactamente igual como em Londres. Mas em Petrogrado e em Moscovo encontra-se uma civilização inteiramente nova.

Emprego deliberadamente a palavra porque é completamente inútil intentar destruir, ou modificar sequer, o sistema dos Soviéticos, desvirtuando-o ou pretendendo que seja o que evidentemente não é, ou que não é o que é. Vemos na Rússia um esforço levado, com um plano sistemático, ao posto dum novo valor nas qualidades humanas, substituindo, nos factos, toda a aristocracia de nascimento ou de riqueza por uma aristocracia de capacidade: que os homens e as mulheres sejam estimados e apreciados, não pelo que fazem, ou pelo que sabem, mas pelo que são.

Começo a falar da delegação laborista inglesa à Rússia, fui franca e abertamente na qualidade de defensor da ditadura do proletariado. As minhas impressões, pois, estarão matizadas pelas minhas apreciações essenciais sobre a classe trabalhadora. Os ingleses devem saber por si mesmo tudo quanto há de saber sobre qualquer ponto de vista da grande experiência da Rússia.

### No Kremlin

Alguém que conhece as mais eminentes figuras da burguesia europeia e os partidos socialistas tem bem como qualquer outro, disse recentemente: «Os três grandes homens que vivem hoje são Lênine, Bela Kun e Smilge». O terceiro conheço-o muito bem; o primeiro, fui em sua procura e falei com ele por espaço de duas horas, reinclinando-me outra vez, alguns dias depois, ao resto da delegação laborista.

Lênine fala o inglês muito bem e conhece os políticos ingleses melhor que a maior parte dos homens de Inglaterra. Devo confessar que fui ao Kremlin com mais inquietude talvez que quando tenho ido falar ao sr. Asquith ou ao sr. Lloyd George. Havia no caminho várias sentinelas, preparadas as pontas brutas das suas baionetas, que escutavam os meus passos atentamente quando eu ia passando com o guia.

Achei Lênine simples, genial e sem nenhuma afectação. Enquanto estava trabalhando e durante a nossa conversação, um jovem escultor estava ocupado afoanadamente em fazer um modelo em barro da cabeça de Lênine, e também, segundo descobri logo, fez um esboço do meu próprio perfil.

Depois da troca de saudações, falei-me da política de Inglaterra e da Rússia, assim como das possibilidades revolucionárias da totalidade da Internacional.

### Um golpe de vista de Lênine sobre o mundo

Lênine, na minha opinião, pensa mais nas possibilidades revolucionárias do mundo que em colher imediatamente os frutos da Revolução russa, porque se convenceu, e não sem razões abundantes, de que se está estabelecendo um drama mundial na luta entre uma pequena, atenta, determinada, inteligente e universalmente organizada secção, que representa os interesses dos proprietários, e uma ampla, parcialmente atenta, porém cada vez mais inteligente, ainda que indiferente na aparência, massa organizada que representa a classe trabalhadora ou os interesses proletários. A vanguarda desta massa é, naturalmente, com a sua brilhante e extensa inteligência, o poder da Rússia dos Soviéticos.

Falou dos movimentos contra-revolucionários de Kolchak, Denikine e Yudenich, assim como da cumplicidade inglesa em todos eles, o mesmo que em Minsk.

Não teria havido a menor probabilidade de que essas aventuras fossem empreendidas, se os seus dirigentes não tivessem contado com a promessa dum apoio da parte das potências aliadas. Lênine vê claramente que se a burguesia internacional não pode destruir ou modificar fundamentalmente o poder dos Soviéticos na Rússia, o poder dos Soviéticos minará e eventualmente transformará o capitalismo e o latifundismo e tudo o que isto implica na Europa.

— Pronto! Levou-me lá acima. Ia a declaração. — Há quanto tempo conhece o Manuel Vieira? — perguntaram-me. — É claro que eu pensei logo ser tal pergunta o complemento da comédia que andavam representando para que eu tivesse a honra de ter estado preso. Respondi a verdade. Não o conhecia. Arquivaram a resposta. Pouco depois um sujeito que parecia dirigir aquela comédia, abriu uma porta e perguntou-me: — porque estava preso! — Fiquei ataralhado. — Então eles prendem-me e não sabem porque? — — Está em liberdade! — exclamou o tal sujeito.

Obedei. Poderá! E ao descer a escadaria de pedra, vi-na pensando que assim como me prenderam por estar à solta, me soltavam por estar preso. Não encontrei outro motivo.

### Mário DOMINGUES

Deve instalar-se brevemente a comissão oficial encarregada de elaborar os regulamentos técnicos dos seguros sociais obrigatórios nos desastres no trabalho, em todas as profissões, doenças profissionais, e de seguro na invalidez, velhice e sobrevivência.

— Senhor Mário Domingues!

## Os Ferrovieiros da C. P.

### realizam hoje no teatro Apolo uma importante reunião

É do conhecimento do público o estado precário dos ferroviários da Companhia Portuguesa. Todos os pedidos de aumento de salário têm sido indeferidos, parecendo que as entidades superiores querem recusar aos que trabalham o direito de viver.

Tem o Sindicato Ferroviário organizado reuniões em vários pontos do país para conhecer qual a atitude que aquele pessoal pretende tomar ante a constante subida dos géneros.

Hoje, no teatro Apolo, reunir-se-á o mesmo pessoal em assembleia magna, assembleia importantíssima a que nenhum ferroviário deve faltar. O Sindicato Ferroviário fez distribuir por toda a classe um eloquente manifesto, do qual recortamos o seguinte trecho:

«Ela ainda referindo-se à classe ferroviária, que devido ao seu mister oficial, terá um papel assim importante a desempenhar no futuro, no momento azado, quando a hora sublime soar para a transformação completa desta Sociedade corrupta, evadida de vícios, preconceitos e superstições, não traia mais bela, mais equitativa e mais racional, onde o direito incontestável de viver seja sagrado, onde a instrução, a arte e o amor não sejam privilégios dos ricos, dos que nada produzem!»

Vê-se por este trecho que o Sindicato sabe bem qual deve ser a sua missão futura, para a qual é necessário marchar com firmeza, arrancando a burguesia tudo quanto aos trabalhadores pertence. A reunião realiza-se pelas 12 horas. Certamente será imensamente concorrida.

## Os operários portugueses em França

Da Arcada enviaram-nos anteontem a seguinte nota:

«Por informações oficiais de Hendaya chegou ao conhecimento do governo de operários que se destinam à França em procura de colocação e sabendo-se que neste país só podem ser empregados em serviços agrícolas para os quais não têm a necessária aptidão, vão ser tomadas providências pelo ministério respectivo, tendentes a evitar que a emigração continue a fazer-se, tanto mais que os referidos operários, devido à falta de trabalho, lutam com dificuldades, encontrando-se muitos na miséria.»

Acossados pela fome na sua terra, vão os infelizes trabalhadores a outros países em busca não já da felicidade, mas do imprescindível pedaço de pão, não encontrando, contudo, senão a mesma negra miséria, pois os vícios e defeitos da organização capitalista da sociedade, são os mesmos em toda a parte. Entretanto, se os que tudo produzem se entendessem, a tarefa da transformação social seria bem fácil.

## Quem foi?

Procurou-nos José Nunes Domingos Júnior, com leitaria na calçada de Santo André, 60, que julgando-se atingido pela referência feita no nosso número de 1 do corrente a «um leiteiro da calçada de Santo André», nos assegurou que não tomou parte no assalto à Batalha.

Os nossos informadores, aos quais convidamos a comparecer amanhã nesta oficina, pelas 21 horas, demonstrarão na presença daquele indivíduo, que também aqui virá, se a referência diz respeito a aquele ou a outro leiteiro.

## Pessoal da exploração do porto de Lisboa

Os corpos gerentes da Associação dos Empregados da Exploração do Porto de Lisboa estiveram anteontem conferenciando com o ministro do comércio acerca da remodelação do respectivo quadro. Sobre o mesmo assunto também o director da exploração, engenheiro sr. Ramos Coelho, conferenciou ontem com o sr. Velinho Correia.

Também uma comissão do mesmo pessoal se avistou ontem com o director da mesma exploração, a fim de tratar de melhoria de situação, sendo-lhe respondido que aguardasse o pessoal a execução da lei de equiparação de vencimentos. Em face desta resposta o pessoal vai reunir para assentar no caminho a seguir.

## Um "brioso" alferes

Que abusa dum reparação de 15 anos

Escreve-nos o operário Augusto Pereira, morador na Rua Francisco Sanches, P. L. M., ric, relatando-nos indignado, que no dia 30 do mês que findou o alferes da guarda republicana Joaquim Magalhães Moreira levou para a escada A. D. A., da rua Sebastião Saraiva e Lima, uma rapariguinha de 15 anos e ali abusou dela infamemente.

A rapariga ia acompanhada por um rapazito, a quem o alferes deu dinheiro a fim de esperar na rua, enquanto arrastava a pequena para a escada.

A rapariga gritou: «Deixe-me, deixe-me», tendo vindo à escada a vizinhança do prédio. Então o alferes escapou-se, cobrindo o rosto com a mão, provavelmente para que não o reconhecessem, de nada lhe valendo o estratagemas, pois mais dum pessoal o viu, estando prontas a oferecerem-se como testemunhas do caso.

É mais uma a juntar às muitas proezas dos briosos membros de tão útil corporação.

## Um tiranete

Um tal sr. Luís de Castro, director da Companhia Metalúrgica do Norte, parece não ter visto com bons olhos que os operários paralisassem o trabalho por 24 horas a fim de protestar contra o assalto de que foi vítima A Batalha. (extranha solidariedade moral com os assaltantes!)

Ju-on-se o sr. Luís dono dos seus operários, e certamente, os tomou por escravos.

Daf emberrar que um pouco de consciência lhes acordasse. E como embarrasse tratou de arvorar em vítimas suas, os operários António Osório, António Pinto e Alfredo Carlos, despedidos de

## A lei das oito horas

infringida pela Junta Autónoma das Obras do porto de Viana do Castelo

No jornal A Aurora do Lima de 27 de Agosto finda-se o seguinte anúncio:

### AOS OPERÁRIOS

A Junta Autónoma das Obras do Porto de Viana, faz público que admite operários nas suas obras com o horário de 10 horas de trabalho, pelas seguintes peças:

Pedreiros, salário de 2400 a 3400; trabalhadores, salário de 1800 a 2400; mulheres, salário de 475 a 597; rapazes (aprendizes), salário de 800 a 927.

Para mais esclarecimentos, dirigirem-se ao escritório das Obras, no Largo de Santa Catarina.

Viana, 26 de Agosto de 1920.

O Presidente da Comissão Executiva, (n) Nogueira.

Dois pontos há a salientar neste singular anúncio: Primeiro, a misérrima exigência dos salários. Segundo, o desrespeito pelo decreto que fixa em oito horas o período máximo de trabalho diário. Não respeitante aos salários deve esclarecer-se que está a vida em Viana do Castelo acuatamente mais cara do que em Lisboa. O alqueire de milho, e é o milho a base da alimentação daquela região, custava outrora de \$40 a \$50, já em junho atingira o preço de 3500, e está hoje a 6350, escasseando, apesar disso! Os salários oferecidos pela junta de Viana nem para morrer de fome chegam.

O ponto principal da questão é, porém, a tentativa, perpetrada por um organismo do Estado, de transgredir uma lei desse mesmo Estado. Dizemos tentativa porque confiamos na resistência do operariado de Viana, que se não mostra disposto a deixar perder regalia de tanto valor como é o horário de oito horas. Um manifesto editado pelo sindicato de Pedreiros e Canteiros de Viana fala esta linguagem enérgica e clara:

«Custe o que custar, sofra quem sofrer, havemos de ir até ao fim e mostrar aqueles que aconselham o respeito pelas leis, enquanto saltam por cima delas, que sabemos ser coerentes e dignos, mantendo-nos como até aqui ainda que a custa dos maiores sacrifícios.»

Podem os patrões que ainda estão na disposição de querer manter as decisões tomadas continuar na sua; pode a respectável câmara municipal manter-se demorando as plantas de certos trabalhos com o intuito, talvez, de nos arastar para a greve geral, que nem por isso tomaremos outra orientação.»

## A Moagem triunfal

### O tipo único de pão desaparece

Segundo nos assegura pessoa que costuma andar bem informada, foi para a assinatura presidencial um decreto destinado a acabar com o tipo único de pão.

Os especuladores e os poderosos tanto fizeram que conseguiram os seus propósitos, de comerem eles um pão melhor, enquanto que o povo terá de comer uma poeira qualquer, com a agravante de pagá-la mais cara.

Pelos modos os novos tipos de pão e os seus preços serão os seguintes: 1.ª qualidade, em pães de 50, 100 e 250 gramas, custarão respectivamente, \$07, \$14 e \$32. O de 2.ª terá o peso de 500 e 1000 gramas, custando \$24 e \$48.

Estes preços e qualidades entram em vigor já esta semana, em Lisboa.

### Uma nota do sindicato dos manipuladores

A Associação dos Operários Manipuladores de Pão pede-nos a publicação da seguinte nota, que confirma a anterior informação:

«Tendo a classe conhecimento dos novos tipos de pão, vem por este meio dar os devidos esclarecimentos aos consumidores em geral.

Indo no dia 23 de Agosto p. p., entregar ao ministro da agricultura uma representação sobre o aumento de salário, esse senhor concordou, dizendo que entregássemos uma outra igual ao sr. Alvaro de Lacerda, ex-comissário dos abastecimentos, o que prontamente fizemos.

Ficámos admirados quando vimos na imprensa que o sr. Lacerda ia ouvir sobre o assunto uma associação que para aí existe, que é subsidiada pela Companhia Industrial de Portugal e Colónias e composta por empregados da mesma Companhia.

Quando entrevistámos o ministro da agricultura, disse-nos que ficava o tipo único, mais caro sim, mas de melhor qualidade e que quando estivesse para sair o decreto, nos mandaria chamar para trocarmos novas impressões sobre o assunto.

Mas foi tudo ao contrário. Mandaram chamar os representantes da Companhia Industrial de Portugal e Colónias, e agora, pelas informações que temos, vai o público ter pão de 2.ª qualidade a \$40, que se fabricará em pequena quantidade, havendo pão fino em abundância a \$30.»

### A reunião de hoje

Para tratar dos novos tipos de pão, convidam-se todos os manipuladores de pão a comparecer à grande reunião que se realiza hoje, pelas 18 horas. Que ninguém falte!

## Comissão pró-presos por questões sociais

Reuniu esta comissão, que aprecia a situação dos camaradas que se encontram presos há bastante tempo nas masmorras da república. Esta comissão foi ontem ao governo civil para entrevistar o director da polícia da segurança do estado, por causa de dois jovens que se encontram incomunicáveis há 6 dias e ainda não foram interrogados, o qual comunicou que a não podia receber de noite, que só a recebia de dia. Por esse motivo não se pôde tratar dos citados presos.

Resolvendo ir tratar do assunto de dia.

Esta comissão recebeu da camarada Manuel Pimenta a quantia de \$20, em favor dos camaradas presos

## Pela Polónia

### Compositores Tipográficos

Não se consegue, através dos telegramas que as agências reaccionárias fazem publicar, saber ao certo qual é o moral do povo polaco ante a guerra vermelha. Os jornais dizem sempre que lavra por lá grande entusiasmo patriótico e tanto o exaltam que nós duvidamos dele a valer. Por vezes, os jornais ou as agências deixam escapar um pouco da verdade. Ainda há pouco, uma notícia que veio a lume contrastou bastante com a prosa patriótica de todos os dias; tratava-se dos habitantes de Soldau que, a despeito do tal ódio arraigado aos vermelhos, receberam as tropas russas como libertadoras, cantando-lhes hinos e alitando-lhes flores. Esta pequena verdade faz-nos alimentar suspeitas sobre a fé patriótica do povo polaco.

Traduzimos hoje de El Socialista um trecho dum crônica publicada por Sofia Casanova, no ABC espanhol, que o primeiro transcreveu:

«Há milhares e milhares de trabalhadores destruídos de geração em geração aos morgados e às grandes herdades. Entre eles lavra o descontentamento. São a massa anónima, a plebe da plebe que, não tendo nada que perder, capaz é de se movimentar a ver se ganha, julgando que os vermelhos vão repartir por eles as terras que seus avós e seus pais cultivaram, esfaumados e bestializados, que eles mesmo hoje cultivam, vivendo miseravelmente.

Esta é a voz corrente de quem convém com o proletariado rural e as minhas observações confirmam-na.

Ontem, na capital do distrito Lomza, verificou-se um meeting na praça pública. Vieram de Varsóvia dois deputados, e ao expor a situação e ao animar o alistamento voluntário, um camponês gritou:

«Basta de guerra! Ide-vos, que andais de trem, enquanto nós não temos camisa nem sapatos. Fora Fora!»

Por aqui se vê que as cousas não correm muito favoráveis à burguesia e aristocracia polaca. É natural que mais dia, menos dia, toda a verdade se estabeleça e, certamente, a Polónia não constituirá excepção à regra, que é a tendência para o desaparecimento das classes dominantes.

## As greves

### Pessoal das oficinas Parry & Sons

Tendo reunido às 10 horas, na sede do Sindicato Unico Metalúrgico, o pessoal operário daquelas oficinas, foi nomeada uma comissão a fim de se avisar com o gerente e fazer-lhe sentir o injusto despedimento dos camaradas visados.

Na reunião da tarde, depois de ouvido a comissão que relatou o que se passou com o referido gerente e tendo feito uso da palavra alguns camaradas e entre eles o delegado do sindicato, foi votada a seguinte moção:

«Considerando que o gesto feito pelos camaradas das oficinas Parry & Sons representado pelo abandono do trabalho durante um dia, é o suficiente protesto contra a injustiça praticada sobre os camaradas que estavam trabalhando a bordo do vapor Congo;

Considerando ainda que atendendo à situação actual da indústria, não faltará onde os ditos camaradas empreguem a sua actividade, não merecendo a pena por mais tempo sacrificar materialmente o pessoal que praticou o gesto de solidariedade;

E ainda porque entre a família metalúrgica deve existir a paz harmoniosa, segura garantia da boa organização sindical;

O pessoal da casa Parry & Sons, reunido no Sindicato Unico Metalúrgico, resolve:

1.º Retomar na segunda-feira o trabalho, não abdicando da defesa dos seus interesses e dignidade profissional;

2.º Encarregar o respectivo sindicato de comunicar à Associação Industrial o seu protesto contra o procedimento ilógico do gerente das oficinas, e tornando extensivo o seu protesto, enviar os seus estorços para que todo o pessoal se solidarize».

## Mais legisladores

A direcção da Associação de Classe dos Empregados dos Bancos e Câmbios entregou ontem ao sr. ministro do trabalho as bases de uma lei especial tendente à defesa dos interesses da classe e dos respectivos patrões. O ministro prometeu estudar o assunto.

Uma associação de classe a fabricar leis é de primeira ordem. E quando essas leis defendem também os patrões, os banqueiros, que tanta protecção necessitam, é caso para que o povo agradeça a tam solícitos empregados.

Isto é que se chama arranjar corda para se enforcar.

## Homenagem socialista

Para comemorar mais um aniversário da morte dos precursors da ideia socialista (em Portugal, José Fontana e Antero do Quintal, realiza no dia 12 do corrente o sr. Agostinho Fortes, uma conferência promovida pelo partido socialista, indo nesse dia as agremiações socialistas de Lisboa ao cemitério dos Prazeres depor flores na campa de Fontana, o mesmo fazendo, em Ponta Delgada, no túmulo de Antero Quintal, os centros e a imprensa socialista local.

O Nucleo Central da Juventude Socialista também realiza hoje, pelas 21 horas, na sua sede, rua do Bemfado, 150, 1.ª, uma sessão de propaganda comemorativa da morte de José Fontana e Antero de Quintal.

Estão convidados a usar da palavra vários elementos do movimento operário e socialista.

## Funcionários do Estado

Os funcionários do ministério das finanças e estabelecimentos autónomos, nas reuniões que ontem realizaram na associação de classe, escolheram a respectiva comissão de interesses e defesa da classe. Amanhã reunem, para o mesmo fim, os funcionários dos ministérios da guerra e instrução, às 17 horas, e todos os estabelecimentos autónomos do ministério da instrução, às 21 horas.

## Vida Sindical

### COMUNICAÇÕES

Compositores Tipográficos — A comissão administrativa deste sindicato, tendo ultimamente tomado posse dos seus cargos, e tendo em vista não só a forma atribuída ao parecer terem decorrido os serviços administrativos da Associação, como o colossal trabalho a dispendar para ordenar esses serviços, deliberou entregar a solução de vários assuntos a comissões especiais, de consórcios dedicados à sua coactividade. Assim, para tratar do magno assunto da recente venda do prédio onde estão instalados os organismos gráficos, foi constituída uma comissão, composta das camaradas Alexandre Vieira, Jacinto Lobo e Raúl E. Dias, e para si encarregar da acção administrativa da última direcção, uma outra, composta das camaradas Raúl Silva, António Damásio Júnior e Raúl E. Dias. Não só esta última comissão, como a comissão administrativa deste Sindicato, necessitam da assdua compreensão da camarada Alvaro Aveleiro aos encargos administrativos de que foi investido.

Maquinistas fluviais — Em reunião desta classe foi resolvido officiar-se ao capitão do Porto de Lisboa para que dê as necessárias providências no sentido de não se realizarem novos exames para maquinistas fluviais, que, segundo consta a esta associação, se estão preparando, quando há na presente ocasião maquinistas desempregados e alguns inscritos na capitania.

Confeiteiros e Pastelheiros — Reuniões em assembleia geral extraordinária, resolveram continuar em sessão permanente em sinal de protesto contra o decreto que proíbe a venda de bolos.

### CONVOCAÇÕES

Sindicato Unico da Construção Civil — Secção profissional dos Serralheiros — A comissão profissional desta secção, a requerimento de um grupo de camaradas, convida todos os sócios a reunir em assembleia geral hoje, pelas 15 horas prefixas, para resolver um assunto de grande importância para a classe.

Comissão de melhoramentos — Reunem hoje, pelas 18 horas, na sede do sindicato, juntamente com os delegados da comissão de melhoramentos, todos os delegados de oficinas e obras do Estado e da indústria particular. Previnem-se os referidos delegados de que não devem faltar, pois que o assunto a tratar é da máxima importância.

Sindicato Unico Metalúrgico — Secção de Almada — Realiza-se hoje, às 15 horas, a assembleia geral extraordinária, a fim de se tratar de assuntos importantes para a classe metalúrgica do concelho, devendo ser nesta assembleia lançada a ideia da transformação da secção em Sindicato Unico.

Assimista a esta reunião dois delegados do sindicato, os quais exporão o que se passou na entrevista realizada entre a comissão técnica e de melhoramentos e a secção de metalurgia da Associação Industrial.

Secção do Poço do Bispo — Promovida pela comissão administrativa, de acordo com a comissão técnica e de melhoramentos do sindicato, realiza-se hoje, às 14 horas, nesta secção, uma sessão de propaganda sindical, a qual assistirão dois delegados do sindicato que exporão o que se passou na última entrevista com a secção de metalurgia da Associação Industrial.

## Horário de trabalho na marinha mercante

Em virtude da Conferência Internacional Marítima de Génova não ter tomado resolução definitiva sobre o estabelecimento do horário de trabalho a bordo dos navios mercantes, foi nomeada uma comissão, de que fizeram parte representantes dos inscritos marítimos, Fogueiros de terra e mar, armadores e do governo, para regulamentar o trabalho na marinha mercante portuguesa e ainda sobre os salários a pagar às diferentes classes.

As horas de trabalho para o pessoal de máquinas serão 57 por semana, com 54 e câmara 77. Quando lhe for ordenado, trabalhará 70, 78 e 91 horas, respectivamente, não sendo estas horas extraordinárias compensadas por descanso nos portos de escala ou terminus, contando-se cada hora de serviço por duas de folga e não sendo isso possível receberá a compensação em dinheiro, pagando-se cada hora por 112.

São exceptuados os capitães, pilotos, praticantes de piloto, maquinistas e praticantes de máquinas, médicos, comissários, ajudantes e praticantes de comissário, contra-mestres, paleiros de máquinas, enfermeiros, dispenseiros e carpinteiros.

Não são consideradas horas extraordinárias as empregadas nas linhas de entradas e saídas pelo pessoal indispensável a este serviço, na segurança do navio ou outros casos de força maior.

Este horário não se aplicará aos telegrafistas nem aos tratadores de gado.

Nos portos de escala ou terminus sempre que nesse dia não tenha lugar a entrada ou saída de navios.

Nos portos de armamento o pessoal que estiver embarcado terá direito a uma licença gozada da seguinte forma: Por cada mês de viagem, 2 dias; por cada viagem ou fracção inferior a 1 mês, uma licença proporcional aos dois dias, sendo este sistema de licenças só para o pessoal de fogo, pois para o de convez e de câmara serão assim reguladas: dos 3 termos da tripulação estarão sempre a bordo durante o dia e um termo durante a noite, o qual terá o dia imediatamente a folga seguida de 24 horas. Os vigias terão 48 horas seguidas de folga por cada 24 de serviço.

## As nossas gravuras

As gravuras que hoje inserimos foram oferecidas à Batalha pelos nossos camaradas Francisco Direiti, José Manuel Pinho, Manuel Peres, Jaime Leal, José da Silva Velinho, Luis Gomes Adão, Pedro da Silva, Hyvo e João Lobo, do quadro tipográfico do A B C, que as mandaram executar a expensas suas.

## Últimas notícias

### A guerra vermelha

Os polacos obtêm alguns sucessos ao longo do Bug

VARSOVIA, 4. — Um comunicado do Estado Maior assinala grandes sucessos do exército polaco ao longo do Bug, onde foram tomados grande número de prisioneiros e grande quantidade de material de guerra. — Rádio.

### Os bolchevistas avançam para Brest-Litovsk

MOSCOW, 4. — O boletim de hoje da frente de batalha marca um avanço na ala direita na direcção da cidade de Brest-Litovsk. — Rádio.

### Os bolchevistas concordam que Riga seja o local de negociações

VARSOVIA, 4. — Os bolchevistas concordam em que seja Riga o local para se renovar as negociações de paz, se se assegurarem todas as facilidades de publicação. Os delegados polacos saíram de Varsóvia na terça-feira. — Rádio.

### Os polacos defendem-se a Este de Lemberg

VARSOVIA, 4. — Comunicado polaco de operações. A Este de Lemberg repulsem os bolchevistas através dos rios Kuti, Lipa e Bug. — Rádio.

### Um general bolchevista ante os tribunais

CONSTANTINOPLA, 4. — Um radiograma de Moscovo diz que os bolchevistas decidiram levar perante os tribunais, o general Klembinsky que comanda o exército vermelho no sector de Trebinné-Varsóvia. Klembinsky é acusado de haver dado provas de uma negligência criminosas, que determinou a derrota bolchevista nesta região. O referido general comparecerá perante o tribunal revolucionário com a presença de todos os oficiais do Estado Maior. — Rádio.

### A Itália e os Soviéticos

Está-se tratando da troca de mercadorias entre os dois países

ROMA, 4. — Estão-se ultimando as disposições depois da conferência de Copenhague para a troca de mercadorias entre as cooperativas russas e a Itália. — Rádio.

## Os compositores

De Manchester e Liverpool continuam em greve

LONDRES, 4. — Continua a greve dos compositores de Manchester e Liverpool. Os jornais combinaram-se para publicar notícias à tarde dactilografadas em folhas que o público compra anualmente. — Rádio.

## Na América

Mineiros que abandonam o trabalho

LONDRES, 4. — Dizem de Eriwkes, bairns que cem mineiros abandonaram o trabalho na quarta-feira em sinal de protesto contra a decisão da comissão do carvão de antracite nomeada pelo presidente Wilson. — Rádio.

## Em Espanha

Terminou a greve de cefeiros em Valencia

VALENCIA, 4. — Terminou a greve dos cefeiros tendo sido aumentados os seus salários. — Rádio.

## Na Mesopotamia

Continua a ser grande a agitação

LONDRES, 4. — Houtem à noite no ministério da guerra recebeu-se um comunicado de Mesopotamia dizendo que a situação piora nos distritos onde flutua a instabilidade, mas torna-se mais tensa nas regiões que não tinham estado até agora em aberta rebelião. O rio Eufrates e as vizinhanças de Hamez estão muito afectadas pela agitação política. Em Samarra foi atacada a estação de caminho de ferro em vinte e nove e ainda está cercada. Ao norte do delta em Samarra houve um ataque em 29 mas as tribus dispersaram no dia seguinte. A este de Noss







## A BATALHA

Diário da manhã

Porta-bas da organização operária portuguesa

## Assinaturas

(Pagamento adiantado)

Em Portugal, colónias portuguesas e Espanha: 3 meses, 480\$; 6 meses, 960\$; 1 ano, 1920\$. Em Lisboa: 1 mês, 160\$. Território (reunido postal): 6 meses, 1080\$; 1 ano, 2160\$.

Pedidos de assinaturas e de quaisquer obras da secção de livreria de A Batalha a ser enviados de qualquer quantia, devem ser feitos à Administração, bem como todas as reclamações.

## Publicações

Recebem-se na administração de A Batalha e em casa dos seus agentes das províncias, nas agências Havaas, Bastos e Gonçalves, Rádio e demais agências de anúncios. Não se publicam comunicados e anúncios com acusações a particulares ou a vida privada de qualquer pessoa.

## Correspondência

Relativa à redacção deve ser dirigida a Alexandre Vieira, redactor principal de A Batalha. Não se restituem os autógrafos.

Redacção e Administração

Calçada do Combro, 38-A, 2.  
LISBOA-PORTUGAL

## LÊDE

## A COMUNA

Semanário Comunista Libertário

Redacção e Administração

Rua do Sol, 131 - PORTO

## Hino revolucionário

DEDICADO A

## A Batalha

Música do maestro. Tomás del Negro

Letra de João Black

## Seguros Sociais Obrigatórios

## Contra desastres no trabalho

Pedir as cadernetas para a inscrição obrigatória do pessoal ao CONSORCIO GERAL DE SEGUROS CONTRA ACIDENTES E RESPONSABILIDADE CIVIL.

LISBOA, RUA IVENS, 49 - PORTO, RUA SÁ DA BANDEIRA, 222

## FERRAGENS E FERRAMENTAS

## Valério, Lopes &amp; C.ª L.ª

Telefones (central) 2778 e 3478 gramas Ferrame

Ferramental completo para todos os ofícios. Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro, latão, zinco, chumbo e avaras diversos. Carreiros, vagonetas e todos os pertences de material. Decauville.

22, Largo de S. Julião, 23  
Rua Nova do Almada, 1, 3 e 7

LISBOA

## DEPURATIVO DIAS AMADO

Cuidado, muito cuidado!

Nada há mais triste do que um desgraçado doente, muitas vezes, além de gastar o que não pode, fazer um tratamento errado por na sua boa fé se iludir por qualquer habilidade que só o deseja explorar.

Infelizmente, temos tido conhecimento de casos que por esta circunstância são verdadeiramente desumanos. O verdadeiro específico deste nome, o único que está registado em todos os países da Convenção Internacional de Marcas, é preparação de António Dias Amado, que radicalmente cura a sífilis, as doenças do útero e ovários, as chagas, varizes, lepra, tuberculose óssea, reumatismo, as úlceras ou fistulas, os tumores, as doenças do pelo, grande variedade de doenças nos olhos e demais causadas pela impureza do sangue.

Depósito geral - Casa do autor - Farmácia Luso-Brasileira, Praça de S. Paulo, 20, 21 e 22 (esquina da rua Nova do Carvalho) - Lisboa. - Telef. 1667.

Porto - Farmácia Almeida Cunha, á rua Formosa, 327.

## SAPATEIRO

APRENDIZ precisa-se - Rua Gomes Freire, 150, r/c.

## CLINICA DENTÁRIA

BARROS MARINHAS

Extracções dentes por anestesia especial. Colocação dentes fixos e com placa.

25 - Rua da Assunção - 25  
(Esquina da R. da Prata)

## Companhia de Papel de Gois

Ponte de Sotam-Gois

FABRICA toda a qualidade de papeis de embrulho, sacos, cartuchinhos, manteigueiro, costaneiras, almagos, coquiles, escrita, impressão, assetinados, capas e carta, bem como papeis de fabricação especial

## Lisos e pautados

Agente e depositário geral

A. B. dos REIS, L.ª

52, Cais do Sodré, Lisboa - Telefone C. 4.317  
10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

## O BRIC-Á-BRAC DE ALCANTARA

JOSÉ NICOLAU VERÍSSIMO

Rua de Alcântara, 37

SUCURSAL - Rua do Livramento, 111 e 113

Compra, vende e troca móveis novos e usados e toda a qualidade de artigos de mobílias completas de quarto, casa de jantar, escritório, sala. Sucatas, trapos, papel e lã. 5 0/0 de desconto aos assinantes de A Batalha.

## DAMIÃO &amp; C.ª

Especialidades em fatos, vestidos e chapas para crianças

57, Rua Garrett, 59

LISBOA

TELEFONE 2940

## Comp. Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima - Estatutos de 30 de Novembro de 1894

## Serviço de banhos

Combóios entre Caldas e S. Martinho

De 5 de Setembro corrente até 5 de Outubro próximo futuro são postos em circulação, entre Caldas e S. Martinho, os seguintes comboios:

Combóio n.º 221, parte das Caldas às 8,35 horas e chega a S. Martinho às 9,05 horas; combóio n.º 222, parte de S. Martinho às 10,30 horas e chega às Caldas às 10,50 horas.

Lisboa, 1 de Setembro de 1920.

O Director Geral da Companhia  
Ferreira de Mesquita

## NÃO COMPREM?

Cal-cal-cal cada sem visitar a

Sapataria Social Operária

POIS LÁ SE ENCONTRA

Sapatos de verniz para senhora

16\$25

Botas calf preto para homem 20\$20

Sapatos em vitela para senhora

9\$80

Em pelica para senhora 13\$00

Botas brancas para homem 10\$50

Só nesta casa se vende barato

Grande sortimento em artigos para crianças, homens e senhoras

DESCONTOS PARA REVENDA

18 - RUA DOS CAVALEIROS - 20

## JANOTAS???

Sejam económicos!!!

Como vestir bem e barato??

Só na ALFAIATARIA JANOTA.

Onde se viram fatos e sobretudo ficando como novos, baratos e no rigor da moda.

Acabam-se fatos a 1000.

Boa execução e rápidos.

Variado sortido de fazendas a preços reduzidos.

Rua do Sol ao Rato, 215, loja e 3.º andar, esquina S. João dos Bemcasados. (Elétrico à porta, carro da Estrela) - Postal a S. Madeira.

239

## Cotações de folha e chapa de cobre e outros materiais

As melhores dá

A. Telles Machado

Representante da casa

John P. Quinn de Liverpool

Rua de S. Julião, 23

Telefone 3742 C.



## Acidentes de trabalho

Seguro obrigatório

O Diário do Governo de 22 de Novembro de 1919 publica o modelo da caderneta profissional, que todos os patrões são obrigados a fornecer a todo o seu pessoal, em conformidade com a nova lei de 10 de Maio de 1919.

A MUNDIAL, a fim de facilitar aos seus segurados o cumprimento da nova lei, fornece gratuitamente as referidas cadernetas.

Pedidos das cadernetas bem como dos exemplares da nova lei à



## A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

CAPITAL, 500.000\$000

RESERVAS, 405.402\$76,7

Sede em Lisboa - Rua Garrett, 95

Telefone 4084

Delegação no Porto - Rua Sá da Bandeira, 331, 1.º



Não me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZITANA, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e dum solides capaz de resistir a todos os vãos.

## CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

## GRANDES ARMAZENS AFRICANOS

ALFAIATARIA E CAMISARIA

## FARO &amp; LOPES L.ª

Lanifícios, Fato terno, Camisaria, Gravataria, etc.

Peçam amostras. Fatos sem prova. Vende-se a metro e sem reserva de preço

todas as fazendas tanto para homem como para senhora

## VISITEM ESTA CASA

A casa que mais barato vende

Fato reclame artigo chic 35\$00

110, R. dos Fanqueiros, 112 e 114 s-l.

## Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole,

novo modelo americano,

muito elegante,

só na Cooperativ

A SOCIAL



ESPECIALIDADE

EM CHAPEUS

DE SEDA

E

FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

## ESTABELECIMENTOS

Séde: - 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: - Rua dos Poais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: - Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: - Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

## Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

## PAPELARIA

Viuva de Manuel

da Costa Marques

&amp; C.ª Limitada

Rua do Ouro, 36

Telefone 2.676-C.

## COMPLETO SORTIDO

DE ARTIGOS PARA ESCRITORIO

## SIFILIS

Grande descoberta de plantas para a cura

da sífilis e de todas as doenças que derivam

da impureza do sangue. Centenas de pessoas

se têm curado. Trata-se de todas as doenças

por meio de ervas. Caixa 480. Tratamento

vessa da Oliveira, 21, rez-do-chão, direito, a Estrela.

(212)

## Candelas

a casa que em Lisboa vende

Calçado mais barato

Intendente

- Defronte do chafariz -

## A' Rapaziada!!!

As valentes e perras!



Botas pretas, para home, 13\$75

Botas brancas, As Valentes, a 13\$75

Botas Pretas, duas solas, a 13\$75

Sapatos, para senhora, a 14\$50

14\$50, 15\$00 e 16\$00.

Grande variedade de calçado para criança, e de luxo para senhora.

Para a frente é que 6111

Venham ver os nossos preços!

Fornecedores dos empregados dos

Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste e da Cooperativa

dos empregados do "Diário de Notícias".

SAPATARIA S. ROQUE

16, Largo Trindade Coelho, 17

(Antigo Largo S. Roque)

## GRANDE OFICINA

DE

## GESTEIRO

Fazem-se com perfeição e rapidez:

Assentos de automóveis e outros carros.

Móveis de verga, cestos para peixe.

Consertam-se todos os artefactos respeitantes a esta indústria.

Há sempre grande sortido de cestos em todos os feitios.

Única casa em Portugal que aceita grandes encomendas por preços sem comparação.

Calçada do Monte, 31

LISBOA

Obras de educação profissional, de sciencia, filosofia, sociologia, higiene e esperanto.

Brochuras e folhetos de propaganda sindicalista, anarquista e socialista.

Romances sociais, teatro livre, retratos, postais, hinos, canções revolucionárias, etc.

## Serviço de livreria de A BATALHA

## Sociologia

Adolfo Lima - O contrato de trabalho

Antonielli - A Rússia Bolchevista

Albert - O amor livre

A. C. Santos - A Questão Operária e o Socialismo

Briand - A Greve Geral

Buchner - Na aurora do Século XX

Campos Lima - O movimento operário em Portugal

Durand - O Socialismo e a próxima revolução (2 vols.)

Delaunay - Os financeiros, os políticos e a guerra

Eliant - A minha defesa

Emile Pouget - A confederação geral do trabalho

Emilio Oosta - Acção directa e acção legal

Fraser - A Rússia Vermelha

Fabra Ribas - O Socialismo e o conflito europeu

Grave:

A anarquia - Fins e meios

A sociedade futura

O indivíduo e a sociedade

Guilherme - A Acção Sindicalista

Guedes - Aos assalariados

Guyon - Ensaio de uma moral

H. Balgoad:

A sciencia e a religião

Mentiras religiosas

Hamon:

A conferência da Paz e a sua obra

As lições da guerra mundial

Psicologia do militar profissional

Psicologia do socialista-anarquista

Socialismo e Anarquismo

Krapotkine:

A conquista do pão

A grande revolução (2 vols.)

Em volta duma vida

Moral anarquista

Os bastidores da guerra

Lagardelle - Socialismo e Socialista

Landauer - A Social Democracia na Alemanha

Leone - O sindicalismo

Malatesta:

A politica parlamentar no movimento socialista

Em tempo de eleições

O Programa Socialista anarquista revolucionário

Marx - O capital

Molinar - Problemas sociais

N. Pierrot - Socialismo e Revolução

Nietzsche:

Anti-Christo

Como falava Zaratusstra

Genealogia da moral

Naquet - A caminho da União livre

Prat:

Necessidade da associação

Como falava Zaratusstra

Rabaud - A Rússia Nova

Rabaud - A Dmduira do Proletariado

Rosa - A sugestão e as multidões

Russumano - A escravidão da mulher

Santos - A Transformação da Sociedade

Tolstol:

A escravidão moderna

O canto do cisne

Ultimas palavras

Vandervelde - O Coletivismo e a Evolução

Varennes - O Terrorismo em França

Zola:

Os 4 anos da 2.ª série (1918 a 1919)

625 páginas

FOTOGRAFIAS (em papel co-

che), de Bakunine, Berthelot, S-

dermann, cada

Postais de Lénine e Trotsky (2)

de Maitre, Capital e o Trabalho

O 2.º (número comemorativo do 1.º de

Maio de 1919)

A leitura é um dos maiores praze-

res que ao Homem é permitido go-

zar. Revolta o pensar que há quem

o não possa saborear porque